

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE: Pioneirismo e Mestra da Cultura

IR. ELVO CLEMENTE

Nos meus afazeres acadêmicos, em Porto Alegre, jamais imaginava receber tão honroso e desvanecedor convite da Presidência da Biblioteca Rio-Grandense para pronunciar o discurso comemorativo aos 150 anos deste templo do saber. Mais desvanecedor, Senhor Presidente, o seu gesto magnânimo à Academia Rio-Grandense outorgando-me o diploma e a medalha do sesquicentenário. Dessa maneira as minhas primeiras palavras sejam de agradecimento a Deus, o Pai das luzes, que neste século e meio protegeu a Biblioteca, os servidores e os incontáveis leitores; agradecimento à presidência na pessoa do Dr. João Marinônio Carneiro Lages que se lembrou da Academia Rio-Grandense de Letras.

BIBLIOTECA – ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

Justo Lipsio, no dia 20 de junho de 1592, entregou ao prelo, o livro *LAS BIBLIOTECAS en LA ANTIGÜEDAD*, opúsculo precioso que relata a trajetória das bibliotecas dos tempos antigos. O renascentista flamengo Lipsio ao falar ao leitor, diz: "Observem como seguidores, apegados aos antigos e como, muitas vezes, com proveito os pesquisamos, estudamos e ilustramos". É isso que pretendemos em nossa celebração sesquicentenária: contemplar os tempos de antanho para revigorar o presente e preparar os tempos do porvir.

A palavra *BIBLIOTECA* é de origem grega, significa – *Biblion* – livro; *teka* – escrínio; na base da etimologia biblioteca seria caixa ou escrínio de livros. A palavra caixa lembra a mitológica "Caixa de Pandora", no dizer de Nanci Gonçalves da Nóbrega: "Na caixa, quando foi aberta estavam guardadas muitas coisas, que se espalharam pelo mundo"...

A biblioteca desde os primórdios das civilizações sumérias e egípcias guardava segredos apenas acessíveis aos sacerdotes e aos sábios. Recorda a biblioteca de Alexandria, obra de Tolomeu Filadelfo, em que foram depositadas as obras de Aristóteles, dos hebreus (a Bíblia traduzida ao grego pelos 70 sábios), as obras dos povos do Oriente todas traduzidas

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCRS (ESPECIALIZAÇÃO)

Instituto de Letras e Artes

- Literatura Brasileira
 - * Aprovado pelo COCEP - Parecer nº08/90 de 11/01/90
 - Duração: 360 horas/aula
 - Coordenação: Regina Zilberman

 - Literatura Infantil
 - * Aprovado pelo COCEP - Parecer nº19/90 de 28/06/90
 - Duração: 360 horas/aula
 - Coordenação: Regina Zilberman
- Informações: ILA - Fone (051) 339.1511 - ramal 3176

* Professor da PUCRS, Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras.

para o grego, assim, mais gente podia abeberar-se nas fontes dos sábios da Anitigüidade. Depois os incêndios da grande biblioteca Alexandrina, nos tempos de Júlio César e Pompeu e mais tarde reconstruída e novamente entregue às chamas pelos fanáticos do Islam. Ao mesmo tempo os árabes Avicenas e Averroés nas arcadas acadêmicas de Córdoba, na Espanha ensinavam a filosofia do Estagirita aos estudiosos do Ocidente...

Bibliotecas da antigüidade de Grécia, Roma, todas caíram no bátrio do tempo para ressurgirem nas bibliotecas dos mosteiros.

Aí surgiriam os primeiros *studia generalia* – estudos gerais do *quadrivium*, embrião da *UNIVERSITAS STUDIORUM*.

Nascia a Universidade ao lado das bibliotecas, dentro das bibliotecas.

Em 1308 surgia na colina luminosa a Universitas Conimbriga, a alma mater da cultura lusitana... Durante séculos a luz de Coimbra iluminava os povos descobertos e civilizados pela Coroa d'El Rei de Portugal.

Com Dom João V ampliaram-se os estudos, ampliou-se a Biblioteca e surgiram as Academias, mais adiante as Arcádias. Todas essas instituições se abeberaram nas fontes de água viva da Biblioteca de Coimbra, no Mosteiro de Alcobaça, das bibliotecas que se mantinham com esmero nos colégios dos jesuítas, os paladinos do saber, com a famosa *RATIO STUDIORUM* que tanta cultura e tanto saber produziu para os povos daqueles tempos e dos tempos hodiernos.

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Pelo sinuoso canal do Rio Grande, os barcos de José da Silva Paes, entraram e desfraldaram a bandeira das cinco quinias, alvissareiras anunciadoras da cultura e do saber lusitanos.

Passou-se um século após a aventura de Silva Paes, a antiga aldeia do Forte Jesus Maria José, era uma vila, tornara-se novíssima cidade, no vaivém guerreiro das refregas farroupilhas. Toda a vida econômica, civil, religiosa e cultural dependia do porto.

O Presidente da Província, Soares de Andréa definia a situação do ensino nesta frase expressiva: "A respeito de professores que ensinam e de alunos que aprendem, poderia se resumir em quatro palavras – paga-se muito e aproveita-se pouco". E argumentava: "... como se um mau mestre não fosse pior que nenhum, e se dar mau ensino não fosse antes estragar do que instruir." (Edgar Fontoura – A Biblioteca Rio-Grandense).

Valho-me, neste momento, do precioso discurso do beletrista Edgar Fontoura, na conferência, em sessão comemorativa do 87º aniversário da fundação da Biblioteca Rio-Grandense. Assim se expressava o exímio orador: "Foi naquela hora de exaustão material e de esgotamento moral e nes-

se meio pequeno e modesto, de poucos teres e pouquíssimas letras, que surgiu a idéia da fundação do *Gabinete de Leitura*, e germinou, e brotou, e cresceu e floriu, e se fez árvore de sombras amigas e frutos dadivosos que é esta realidade magnífica: a Biblioteca Rio-Grandense". Se era magnífica realidade há 63 anos, o que diremos nós, agora? Os dias, os meses vão passando e as pessoas e as instituições desaparecendo ou se transformando. A realidade naquele ano jubilar de 1933 era uma: Rio Grande com as fábricas de tecidos, o porto centralizando a vida do Estado, tantas empresas no auge do progresso. Passadas essas décadas vemos como Rio Grande se expandiu, se modernizou, a coroa de cômodos praticamente desapareceu dando lugar a vilas, a bairros... E a biblioteca Rio-Grandense está aqui florescente, atualizada em seus acervos e em seus sistemas de catalogação e de consultas.

Deixai-me, senhoras e senhores, adentrar nos átrios de minhas saudosas recordações. Foi ali que em 1953 passei horas e dias na pesquisa da *Vida e Obra de Francisco Lobo da Costa*, o maior lírico romântico do Sul do Brasil, tema da tese de doutorado naquele mesmo ano. Muitas teses, muitos trabalhos de investigação literária e científica se abeberaram neste manancial inesgotável. Aquelas folhas amareladas pelo tempo e pelas intempéries ao serem iluminadas pelas pupilas do leitor readquirem vida, força e amor.

Neste momento solene em que a Academia Rio-Grandense de Letras saúda a Biblioteca Rio-Grandense recordamos inspirado os criadores do *Gabinete de Leitura*, liderados por João Barbosa Coelho, naquela data de 15 de agosto de 1846, iluminada pelo brilho da festa de Nossa Senhora da Glória. Edgar Fontoura num parágrafo retrata a personalidade do fundador lusitano: "Era inteligente, amante da leitura e do estudo e lendo, e estudando, fez-se enamorado das boas letras e amigo da instrução. E era empreendedor. E perspicaz."

Gabinete de Leitura, denominação usual em Portugal e em França, cabia bem para a infância desta obra de cultura, de ciência e de educação. Não acompanharemos a história sesquicentenária da Biblioteca Rio-Grandense, vamos deter as considerações sobre o verbete *BIBLIOTÈQUES*, da *Enciclopaedia Universalis*, assinado por Jean-Pierre Bardos.

No progresso vertiginoso das artes gráficas, a produção do livro tornou-se gigantesca e multifacetada. Daí surgem desafios quer para as bibliotecas nacionais, estaduais, municipais ou particulares, quer para as técnicas da Biblioteconomia. Bardos apresenta três desafios:

1 – *Desafio da política científica*, a biblioteca de estudo e de pesquisa, geralmente universitária, deve poder adaptar-se a duplo crescimento: o da população dos estudantes e dos pesquisadores, o do saber, donde a diversificação e a globalização são, desde a década de cinqüenta, o fator essencial das mudanças econômicas e sociais.

2 – *Desafio de uma política do patrimônio*, as bibliotecas nacionais e outras regionais devem continuar a garantir a conservação e a transmissão dos imensos fundos antigos que abrigam, e utilizar para isso as tecnologias modernas favoráveis à sua proteção, tudo na preocupação de legar às gerações vindouras a contribuição, fora de medida de nossa época.

3 – *Desafio da política cultural*, a biblioteca de leitura pública deve oferecer livros e textos cada vez mais diversificados, com setores especializados para crianças, adolescentes, adultos.

Outros desafios surgem e surgirão com a informatização, com a formação de redes, com a INTERNET, tudo exige dos responsáveis pela biblioteca visão ampla, serena e sensível às novidades, sem perder o verdadeiro senso da realidade.

A Biblioteca Rio-Grandense, nos 150 anos de existência ensinou a criar novas bibliotecas no Rio Grande do Sul, entre outras a Biblioteca Pública do Estado que está a celebrar 125 anos de sua fundação.

A luz da cultura lusitana que iluminou a Capitania d'El Rey, que há século e meio vem espargindo mais luz às inteligências sedentas de saber, continua a brilhar graças à compreensão do povo riograndino, aos denodados amigos e sócios da Instituição que sabem dar a sua contribuição para que as gerações atuais e futuras continuem a usufruir das maravilhas da Biblioteca Rio-Grandense.

A perenidade da vida do livro graças aos avanços das tecnologias, vai-se intensificando, permanecendo sempre o grande ponto alimentador das técnicas e dos novos inventos e das arrojadas conquistas.

O livro e a biblioteca, presentes no berço das civilizações continuarão dando alento às culturas técnicas, literárias e artísticas contando sempre com as surpresas da Caixa de Pandora nos imensos edifícios, nos emaranhados das redes da INTERNET e da GLOBALIZAÇÃO, salvaguardando sempre a VERDADE e a LIBERDADE da pessoa iluminada pela luz que vem daquele que se intitulou: EU SOU O CAMINHO, a VERDADE e a VIDA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FONTOURA, Edgar. *A Bibliografia Rio-Grandense*. Oficinas do Rio Grande, Rio Grande, 1993.
- LIPSIO, Justo. *Las bibliotecas en la Antigüedad*, Ed. Castalia, Valencia 1948.
- BARDOS, Jean-Pierre. *Bibliothèques in Encyclopaedia Universalis Editeur à Paris*. 3 v. 1990.
- NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. A tecelã no seu tear ou o mistério da Caixa de Pandora, in *Jornal das bibliotecas*. Ano 3, n. 3 maio 96 – Rio.